
O LUGAR DO ESCRITOR: DIÁLOGOS SOBRE IMAGENS, (AUTO)BIOGRAFIAS E ESCRITA

Elizeu Clementino de Souza^()
Verbena Maria Rocha Cordeiro^(**)*

QUESTÕES INICIAIS: IMAGENS, LUGARES E ESCRITA (AUTO)BIOGRÁFICA

No campo educacional brasileiro, diversos grupos de pesquisa têm adotado as (auto)biografias e as histórias de vida como perspectiva metodológica, desenvolvendo estudos no domínio da formação e das práticas culturais de leitura. Entendemos que o trabalho aqui apresentado vincula-se ao movimento biográfico que vem se configurando nesse campo, mais especificamente com as edições dos CIPA (Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica), articulando-se com os grupos de pesquisas, trabalhos publicados¹ e estudos em curso nos programas de pós-graduação em educação. Deste modo, as diferentes edições do congresso (I CIPA, 2004, PUCRS-Porto Alegre; II CIPA, 2006, UNEB-Salvador; III CIPA, 2008, UFRN-Natal; IV CIPA, 2010, USP-São Paulo; V CIPA, 2012, PUCRS-Porto Alegre e VI CIPA, 2014, UERJ-Rio de Janeiro), têm contribuído para a consolidação de redes de pesquisas, num diálogo interdisciplinar, reafirmando parcerias acadêmicas entre pesquisadores latino-americanos, norte americanos e europeus, que tem se debruçado sobre o biográfico, como manifestação da vida e adotado diferentes fontes e perspectivas de análise.

Cabe sinalizar, por exemplo, as discussões construídas no segundo II Cipa sobre fotobiografia por Delory-Momberger (2006), quando a autora aprofunda reflexões sobre a fotografia como amplificadora da existência humana, de expressões humanas e como uma das formas de escrita pessoal, através das imagens. Destaca-se também a tematização sobre literatura,

^(*) Pesquisador ID CNPq. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia (PPGEduC-UNEB). Coordenador do GRAFHO (Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral). Pesquisador associado do Laboratoire EXPERICE (Université de Paris 13- Paris 8). Tesoureiro da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (BIOgraph) e Diretor Financeiro da ANPEd (2013-2015). Membro do Conselho de Administração da Association Internationale des Histories de Vie en Formation et de la Recherche Biographique en Education (ASIHIVIF-RBE). E-mail: esclementino@uol.com.br

^(**) Doutora em Teoria Literária pela PUCRS. Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia e docente dos Programas de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) e Estudos de Linguagens (PPGEL). Segunda Tesoureiro da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (BIOgraph). E-mail: vmrocha@uol.com.br

¹ No que se refere as publicações, cabe destacar as coleções: Passeggi, SOUZA e Delory-Momberger, 'Pesquisa (Auto)biográfica & Educação', (2008); Vicentini, 'Artes de viver, conhecer e formar', (2010); Abrahão, Passeggi e Souza, 'Pesquisa (auto)biográfica: temas transversais' (2012), Mignot e Souza, 'Modos de Viver, narrar e guardar', 2014.

imagens e (auto)formação, como desenvolvido no III CIPA, notadamente, com as contribuições de Alves (2008), no que se refere as discussões sobre ‘lembranças em imagens’, ao entrecruzar pesquisas *nos/dos/com os cotidianos* com narrativas-imagens de professoras como *praticantes* do cotidiano escolar.

O aprofundamento teórico-metodológico sobre pesquisa (auto)biográfica, tem possibilitado ampliarmos redes de pesquisa-formação, na medida em que abrem espaços para diálogos fecundos com pesquisadores de área e com grupos de pesquisa que vêm desenvolvendo estudos ou práticas de formação inicial e continuada de professores, a partir de suas narrativas de vida-formação e, também, de produção/leituras de imagens cotidianas construídas nos espaços educacionais. É com base nessas interfaces, que apreendemos sentidos e potências das pesquisas com imagens e de suas interfaces com narrativas (auto)biográficas como uma das entradas que tem sido articulada no âmbito do movimento biográfico no Brasil.

Da mesma forma, os estudos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa Literatura e Ensino: tecendo identidades, imprimindo leituras e pelo Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (Grafho), numa parceria entre o Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens e o Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia, centram-se nas práticas de formação e nas práticas culturais de leitura através da utilização de princípios teórico-metodológicos das histórias de vida, como dimensões constitutivas dos processos identitários e de formação. O presente texto ancora-se nas práticas de pesquisa e formação empreendidas pelos referidos grupos e guarda em si uma especificidade, principalmente, no que se refere à “segunda realidade” expressa nas fotografias e nos fragmentos narrativos singularizados no lugar de cada escritor.

O texto² centra-se na análise de imagens e excertos biográficos, ao tomar como fonte e *corpus* de análise o livro *O lugar do Escritor*, de Eder Chiodetto (2002). A obra organiza-se a partir de ‘fragmentos narrativos’ de trinta e seis escritores³, coletados através de entrevistas, entre 1997 e 2002, e de sessenta e oito fotografias singulares, sistematizados como texto síntese sobre a representação, por parte de cada escritor, do *locus* de seus processos criativos e dos modos como

² O presente texto corresponde a ampliação do trabalho apresentado no 17º COLE, 2009, organizado pela Associação Brasileira de Leitura e realizado na FE/UNICAMP.

³ Adélia Prado, Moacyr Scliar, Ferreira Gullar, José J. Veiga, Ariano Suassuna Lygia Fagundes Telles, Bernardo Ajzenberg Régis Bonvicino, Patrícia Melo, João Cabral de Melo Neto, Silviano Santiago, Rubens Figueiredo, Augusto de Campos, João Ubaldo Ribeiro, José Paulo Paes, Rachel de Queiroz, Campos de Carvalho, Haroldo de Campos, Manoel de Barros, Jorge Amado, Marilene Felinto, João Gilberto Noll, Paulo Coelho, Carlos Sussekind, Modesto Carone, Milton Hatoum, Luis Fernando Veríssimo, Cristovão Tezza, Autran Dourado, Nélia Piñon, Carlos Heitor Cony, Ignácio de Loyola Brandão, Ana Miranda, Paulo Lins, Bernardo Carvalho, Hilda Hilst.

expressam suas produções ao longo da vida. As narrativas e as imagens fotográficas refletem a questão central que mobiliza o livro e revelam lugares concretos, psicológicos e ficcionais, guardados na memória sobre os espaços de uma obra que partilha modos de escritas dos autores.

Num primeiro exame das entrevistas e das imagens, emergiram algumas categorias de análise: lugar do escritor - onde e como escreve; rituais e manias; conceito de literatura; biblioteca/livros/leitura; ato de criação/relação com a escrita-ficção; memória/recordações/imaginário/confissões; impulso criativo/processo criativo; luz e sombra. Tais categorias surgem das relações entre as imagens fotográficas - sua composição e enquadramento - e algumas passagens textuais que apontam singularidades dos escritores. Nem sempre as categorias são tão marcadas, elas são fluidas, se misturam e se confundem com a riqueza da obra de Chiodetto e a perspectiva do olhar do pesquisador.

A análise aqui apresentada seleciona quatro fotografias e centra-se na leitura de alguns excertos, tomando apenas três categorias: lugar do escritor – onde e como escreve –; memória/recordações/imaginário/confissões e outra - rituais e manias - que transversaliza o texto, expressando identidades dos escritores, a partir de situações representativas de seus percursos criativos, figurados em expressões, gestos e cenários, fixados em imagens fotográficas que serão nosso guia de análise. Procuramos sentidos nas superfícies congeladas das fotos, na perspectiva de refletir em que medida elas nos servem como meio simbólico de compreensão da vida criativa dos escritores que examinaremos.

As imagens podem ser lidas como documento de trajetórias de vidas, complementares aos demais dados biográficos que compõem o perfil de cada escritor. São representações “resultantes do processo de criação/construção do fotógrafo” (KOSSOY, 2002, p. 30), permitindo possíveis leituras que renovam nossos olhares sobre o “conteúdo explícito da imagem fotográfica” – a face aparente e externa” (KOSSOY, 2002, p. 37). A recepção dessas imagens, impregnadas de índices de vida, por certo circulam no imaginário de cada leitor, cujas crenças, valores, cultura, ideologias, preconceitos, mitos e afetos balizam diferentes formas de interpretação.

IMAGENS, CENÁRIOS E LUGARES: PERCURSOS CRIATIVOS DE ESCRITORES

Ao tomarmos a leitura dos excertos biográficos e das imagens do livro *O lugar do Escritor*, nossa intenção é tematizar a construção das identidades de escritores, que constituem o *corpus* de estudo, a partir do trabalho foto biográfico desenvolvido por Chiodetto (2002).

Se considerarmos o lugar que tais escritores ocupam na história da literatura e da leitura e a mirada singular captada pela lente ágil e sensível do fotógrafo, esse trabalho já se configura, de partida, num desafio para quem se arrisca à releitura desse livro singular e plasticamente provocativo.

Importa ressaltarmos que intentamos, a partir das imagens sugeridas nas fotos e nos textos, refletir em que medida nos servem como meio simbólico de compreensão dos diferentes percursos criativos desses escritores. Ou seja, como cada escritor constrói seu espaço – físico ou psicológico - e seu cotidiano para dominar seu ofício, mergulhando, consciente ou não, nos domínios secretos e fantasiosos da criação artística. Como escreve, onde escreve, por que escreve, para quem escreve, com que gestos e em quais cenários cada um, em suas singularidades e idiossincrasias, tece e destece sua arte. São hábitos e atitudes que se incorporam ao seu fazer literário, talvez esquecidos ou pulsantes em seus processos de leitura e formação.

É possível que cada depoimento, cada imagem captada nas fotos, recupere um gesto ancestral de uma criança ou adolescente que ensaiava seus primeiros desejos de se tornar um dia, quem sabe, escritor. São lembranças que encobrem ou desvelam, confessados ou inconfessados, medos de descobrir ou reconhecer em si mesmo a possibilidade de ser escritor e o sentido da literatura em suas vidas. O depoimento de Patrícia Melo⁴ responde, de alguma forma, essa inquietação:

A idéia da morte está sempre presente no trabalho artístico. Ela é transfigurada, maquiada, disfarçada, mas está sempre presente. A morte, assim como o amor, é uma espécie de roda da literatura; são motores que fazem o mundo artístico funcionar. Na minha obra a morte é recorrente. (2002, p. 57)

Esse livro possibilita-nos algumas incursões pelos diferentes caminhos que cada um deles elegeu como o *seu modo de escrever*. Como diz Orhan Pamuck (2007), em seu discurso de cerimônia de entrega do Prêmio Nobel de literatura, em 2007:

Quando falo de escrever o que primeiro me vem à mente não é um romance, um poema nem a tradição literária, mas uma pessoa que fecha a porta, senta-se diante de uma mesa e, sozinho, volta-se para dentro de si mesmo; cercada pelas suas sombras, constrói um mundo novo com as palavras. Esse homem – ou essa mulher – pode usar uma máquina de escrever, aproveitar a facilidade de um computador ou escrever com uma caneta no papel, como venho fazendo há trinta anos [...]. Escrever é transformar em palavras esse olhar para dentro, estudar o mundo

⁴ As referências aos excertos narrativos utilizados ao longo do texto correspondem aos fragmentos narrativos capturados por Chiodetto (2002), dos diferentes escritores que fotografou-entrevistou, por isso, fizemos a opção de referenciar o escritor entrevistado e o ano de publicação e a página da obra, 'O lugar do escritor, organizado por Chiodetto.

para o qual a pessoa se transporta quando se recolhe em si mesma. (PAMUCK, 2007, p. 12-13)

Chiodetto deixa entrever um fértil repertório de imagens e depoimentos que se abrem a diferentes sentidos e caminhos de leitura. Suas imagens em preto e branco, ora enquadrando o escritor em primeiro plano (Imagem 1) ora em segundo plano (Imagem 2), constituem-se numa figuração de fechamentos e aberturas, de luz e sombra como para compor cenários e enredos captados por sua câmera que também se faz *poeta fingidor*.

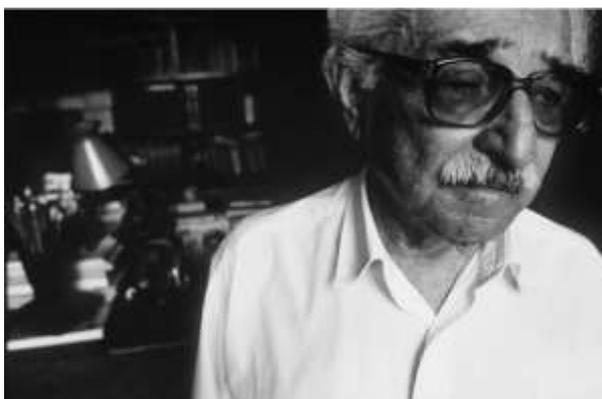


Imagem 2 - Bernardo de Carvalho

Fonte: Chiodetto, 2002, p. 149

Os lugares nos quais os escritores escrevem e como escrevem, seus rituais e manias revelam as singularidades e particularidades de cada um. Da cozinha ao escritório, da intimidade do quarto a lugares públicos, ou em “nenhum lugar”, eles se instalam para enredar os leitores em suas tramas e enredos, em espaços físicos ou psicológicos. Como caçadores ou nômades, eles erram por múltiplos espaços ou se ancoram no mesmo lugar à espreita da palavra que se tornará escrita poética. Vejamos alguns:

Não separo a mãe e a dona da casa da escritora. Sou uma mulher casada, tenho filhos, casa e escrevo. Tudo junto. Por isso o escritório é a minha vida.[...].Vejo criação literária e vida

pessoal como um tecido único. Não separo. O livro faz parte da casa, da comida, da experiência, da maternidade, do cotidiano. (PRADO, 2002, p. 22)

Suassuna escreve à mão, em uma pequena mesa [...] em seu gabinete. Depois, datilografa numa máquina antiga. Mais tarde, revisa os escritos deitado em seu local preferido de leitura, uma cama enorme, repleta de livros. (SUASSUNA, 2002, p. 38).

A experiência de andar na rua sempre me foi estimulante. Escrever fechado o tempo todo num gabinete não me atrai. (BONVICINO, 2002, p. 52)

[...] me arrumar para ir trabalhar num outro espaço é importante. Montei o escritório no apartamento ao lado do prédio onde moro. (SANTIAGO, 2002, p. 65)

Nunca cultuei o lugar de escrever. [...]. Nunca tive um lugar fixo e me habituei a isso. Hoje em dia basta um lugar isolado com o mínimo de tranquilidade. Até porque o verdadeiro lugar está no imaginário. (HATOUM, 2002, p. 120)

Trajectoria singular ocorre com os rituais que recobrem o ato criativo. Entre o silêncio, a natureza, o barulho urbano, a ordem e o caos, esses escritores se refugiam para dentro de si mesmos para o encontro conflituado e/ou prazeroso com a palavra, nem sempre fácil, mas rebelde, escorregadia, vadia e transgressora. Esse talvez seja o desafio e o encantamento desses tantos homens e mulheres, jovens ou idosos, que se entregam ao *ato de fingir*, com seus mistérios e processos criativos da ordem do inenarrável e do fazer literário. Como os escritores escrevem ou se “organizam” para cumprir tal tarefa se modelam em diferentes nuances e ritos ou simplesmente seguem seus instintos e desejos. Enquanto alguns, como Ferreira Gullar, não se submetem à rotina:

A poesia é intempestiva. É coisa que ninguém controla. Ela me acorda no meio da noite ou leva um ano sem aparecer. É inteiramente aleatória [...] A poesia não obriga à rotina, pelo contrário, ela quebra, rompe a rotina. A poesia, quando chega de qualquer de seus abismos, não respeita pai nem mãe. [...] Não me submeto a uma disciplina rígida, faço à medida em que tenho vontade. (2002, p. 24)

Outros cumprem solenemente um ritual para exercer o seu ofício de escrever:

Quando estou preparando um livro, acordo cedo, tomo café, me arrumo como se fosse sair para a rua e entro no meu escritório, aqui mesmo, ao lado do meu quarto. Esse ritual me ajuda a encarar escrita como um ofício diário e faz as pessoas respeitarem mais o meu espaço. (VEIGA, 2002, p. 34)

Escrevo religiosamente todo dia das sete ao meio-dia. Me fecho no escritório e não saio de lá por nada. Não atendo telefone, não olho pela janela, não ouço música. (BARROS, 2002, p. 95)

Quando vou começar um livro, tenho surto de arrumação na casa. Me dá uma fobia de jogar papel fora; de chegar no escritório, arrumar tudo, tirar pó. Deixar tudo organizado, limpinho. Aí, caneta na mão, fico olhando aquela página em branco. (TEZZA, 2002, p. 126)

Leio umas cem páginas por dia para escrever uma ou duas. Escrevo mais à noite por causa da concentração. Meu ritmo é acordar de manhã, ler bastante...[...]. À tarde leio mais um pouco e de madrugada escrevo. (LINS, 2002, p. 146)

Preciso de um lugar tranquilo, sem barulho ou poluição. Arrumo a casa de forma que tenha o maior conforto para poder entrar nesse outro lugar. O escritório tem que ser despojado, limpo, neutro e ter ao menos uma frestinha na janela com uma boa vista. Nos intervalos, preciso ver um horizonte. (CARVALHO, 2002, p. 149)

Há um pouco de tudo, ordem e desordem, clausura e abertura. Tudo é possível nesse universo de criação do operário da palavra. Patrícia Melo e João Ubaldo, por exemplo, figuram, cada um a seu modo, entre aqueles escritores que encontram no caos a rotina para o ato de criação. João Ubaldo inventa um outro *eu* – o Pequeno Ubaldo - com o qual dialoga e pede passagem para entrar no mundo da ficção, enquanto Patrícia Melo encontra-o no caos:

Às vezes dou uns berros com ele e o pessoal de casa acha que estou doido. Mas talvez seja ele que me faça sentar aqui todo dia e produzir. Três laudas por dia é a meta que me coloco quando estou desenvolvendo um livro. Menos que isso, o Pequeno começa a chiar. (RIBEIRO, 2002, p. 72)

Faço consultas estéticas, de estilo, sobre assuntos específicos que estou abordando nos romances. Quanto mais avanço num romance maior vai sendo o caos que se instala no escritório. (MELO, 2002, p. 57)

Outros mudaram seus gestos ao longo da vida, como Nelida Piñon, e aprendem a lidar com os recursos tecnológicos da contemporaneidade:

Já fui sistemática para escrever. Acordava cedo, me fechava e ficava horas escrevendo na máquina. Com o tempo comecei a viajar muito e aprendi a escrever à caneta onde quer que eu esteja. Hoje em dia meu escritório é onde estou. [...]. Agora de onde estou mando por fax ou correio para meu secretário; ele digita tudo e me manda de volta para eu revisar (2002, p. 134)

Já para Heitor Cony (2002, p. 136) o cenário que ele mantém em volta de si faz parte do seu ato de criação e disso ele se alimenta: “Um vaso cultiva o fetiche: cravos vermelhos, que a empregada nunca deixa que falte sobre a mesa de trabalho”. Enquanto para Ana Miranda a solidão constitui-se o seu lugar. Ancorado em seu escritório, ela forja cenários de encontros e descobertas profundas com o outro e com sua imaginação:

O escritório é a extensão do meu corpo. Círculo por ele como se estivesse dentro da minha mente. É lugar de isolamento, mas de nenhuma, nenhuma solidão. Ao contrário: parece que aqui está o caminho para ver o mundo, encontrar pessoas, descobrir como elas pensam, o que sentem. Estabeleço uma conexão profunda com as pessoas. Nesse espaço, encontro as portas (MIRANDA, 2002, p. 143)

Nesse repertório de falas e imagens, encontramos aqui e ali traços da memória e das recordações de alguns escritores, que somadas a algumas passagens em tom confessional, expressam os seus diferentes impulsos criativos e os seus inusitados percursos para se constituírem escritores. Essas lembranças, num tecido único, se entrelaçam com a sutileza de múltiplas visões, que vão desde um olhar irônico, crítico e nostálgico até o aprendizado do ofício:

É uma forma de expressar, passar a limpo os fantasmas, rever coisas. A combinação disso com o gosto pelo estético, pela beleza que existe na linguagem, acaba me levando a escrever ficção. (AJZENBERG, 2002, p. 50)

Desde pequeno não fiz outra coisa senão ler. Não ler é pior do que não escrever. Publiquei meu primeiro livro com 22 anos e o último com 73. A literatura perdeu completamente o sentido para mim. Não me lembro mais de nenhum poema meu. (MELO NETO, 2002, p. 60)

Tudo que escrevi até hoje está ligado às imagens da minha infância e adolescência em Manaus. Essa memória contém tudo que é necessário ao romancista. É isso que provoca uma aflição, um desejo de escrever. (HATOUM, 2002, p. 120)

O ESCRITOR SOB O OLHAR DA CÂMARA: IMAGENS E BIOGRAFIAS

As imagens fotográficas de Chiodetto recortam fragmentos selecionados dos escritores “tal como foram (estética/ideologicamente) congelados num dado momento de sua existência/ocorrência” (KOSSOY, 2002, p. 21). Cada imagem, compreendida “como *documento-representação*, contém em si realidades e ficções (KOSSOY, 2002, p. 14), revela marcas peculiares do retratado que podem ser interpretadas por diferentes ângulos, a depender do imaginário, dos sentidos e do ponto de vista cultural, social, político e econômico de cada receptor. As fotos, portanto, abrigam leituras múltiplas e nem sempre seguem o mesmo olhar intencional do fotógrafo, seu imaginário e sua apropriação afetiva. Nesse sentido, nossa leitura está impregnada também de uma intenção, de uma emoção e de um foco teórico voltado para a memória, as histórias de vida e a relação do escritor com o universo da escrita e dos livros.

Chiodetto, com sua sensibilidade, soube muito bem contrapor as figuras e os espaços onde as fotografias estão inseridas. Essa relação de figura e fundo expressa traços da personalidade do escritor ou de sua forma de trabalhar, ainda que reconheçamos, com Kossoy (2002), que o documento fotográfico guarda suas ambigüidades e por si só não espelha fielmente os fatos. Sem uma moldura cultural, histórica, política ou ideológica que a contextualize, a fotografia perde sua potencialidade de sentidos e tramas. A imagem estética montada a partir da intencionalidade e criatividade do fotógrafo só faz sentido quando o “tempo e o espaço representado” (KOSSOY,

2002, p. 2) nos permite entender que por trás dessa “segunda realidade”⁵ reside indícios – vazios, lacunas, silêncios – que esperam pelo olhar atento ou não de um público dos mais diferentes lugares sociais. Ou como disse Eugênio Bucci (2008, p. 82), “as fotos voam por aí, não mais como registros, mas como lembranças e fantasias – impossível distinguir um das outras -, como nos sonhos”.

Em seu livro, Chiodetto usa apenas o P&B em todas as tomadas fotográficas, o que nos possibilita observar zonas bem contrastantes dentro do campo fotografado, dando às formas uma volumetria que a cor dispersaria. Tomamos como recorte as fotos de Adélia Prado (Imagem 3) e Haroldo de Campos (Imagem 4).



Imagem 3 - Adélia Prado

Fonte: Chiodetto, 2002, p. 23

Na foto de Adélia, vemos a poeta enquadrada em sua sala de jantar, despojada de outros detalhes, a não ser um vaso e um quadro na parede do fundo, que representa uma janela aberta para o exterior. O fotógrafo toma a direção retangular da mesa como eixo da composição, colocando-a à direita e um grande jarro de barro à esquerda sobre a mesa. O tampo da mesa serve de espelho, duplicador do espaço. Apesar da amplidão da sala, percebemos um certo intimismo dado pelo tipo de iluminação que o fotógrafo utilizou, reforçando a atitude reflexiva de Adélia. A ausência de livros chama atenção, quando nas fotos de quase todos os escritores sua presença invade o espaço. Essa seria a nossa descrição mais material da foto. Mas se tomarmos a face invisível do documento, o que ela nos diria? Nosso conhecimento sobre a poeta, mulher de vida simples, arredia à publicidade e aos apelos midiáticos, bem como demonstra a leitura de seu depoimento: “Não separo

⁵ Trata-se da “realidade do assunto representado, contido nos limites bidimensionais da imagem fotografada. [...] é [...] a realidade fotográfica do *documento*, referência sempre presente de um passado inacessível (KOSSOY, op.cit., p. 37).

a mãe e a dona de casa da escritora. Sou uma mulher casada, tenho filhos, casa e escrevo. Tudo junto. [...]. Vejo a criação literária e vida pessoal como um único tecido” (PRADO, 2008, p. 22), abre um outro espaço de entendimento sobre a *realidade interior* da representação da foto de Adélia Prado. A trama se revela no ato de contrição dessa mulher cuja placidez e olhar longínquo e a aparente austeridade da sala reiteram sua opção por uma vida simples na qual realidade e ficção se misturam “como um único tecido”.

A serenidade da foto traduz a mulher-poeta plácida e religiosa que é: “Não separo a experiência religiosa da experiência poética” (PRADO, 2008, p. 22). A parede de fundo deixa na sombra, em segundo plano, retratos emoldurados da família e um quadro que sugere motivos religiosos, pistas para uma possível leitura dessa cena. O espelhamento da mesa deixa entrever um espaço de abertura e luminosidade próprio do universo imagístico da poeta e de sua concepção de uma vida que abriga *todas as coisas*.

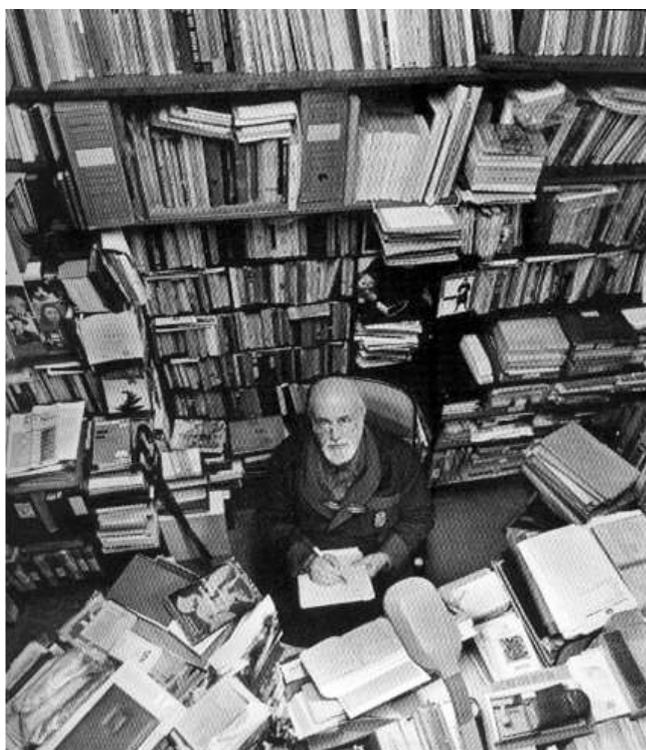


Imagem 4 - Haroldo de Campos

Fonte: Chiodetto, 2002, p. 90

A foto de Haroldo de Campos é tomada de cima para baixo, com o escritor rodeado de livros sobre a escrivaninha e atrás de si prateleiras e livros pelo chão. Veste um roupão, marca da intimidade e do estar em casa, de maneira bem diferente de Adélia. Ela na sala de jantar, ele no gabinete. A foto em P&B de Haroldo destaca alternadamente superfícies claras e mais escuras. No eixo da composição está o escritor sentado em sua poltrona, olhando atentamente para cima, para o olho da câmera, no exato momento em que escreveria algo no papel. À imobilidade do cenário o

fotógrafo contrasta com a imobilidade tensa do escritor, talvez pelo fato de estar sendo “flagrado” em sua privacidade ou por se tratar de um homem mais velho – “Comecei na época em que se escrevia farmácia com ph” (CAMPOS, 2008, p. 90) -, porquanto mais cioso de seu tempo e lugar.

E sobre essa imagem congelada num tempo e num espaço, o que diríamos? Quais suas ambigüidades? O que esconde em sua fugacidade? As respostas podem ser muitas, mesmo para nós, que nos aventuramos nessa empreitada e nos enredamos em nossas próprias incertezas. Uma mirada mais atenta para a fotografia leva-nos a repensar sobre o olhar do escritor: revelador de seu deslumbramento ou espanto diante da palavra e da poesia, um olhar vivo e sagaz: “A única coisa que pode me acontecer de inesperado é a poesia. [...] Ela chega, arromba a porta e vai entrando. Sou um curtidor da palavra. [...] Só as palavras conseguem me manter jovem” (CAMPOS, 2008, p. 90). Para um homem, erudito como Haroldo de Campos, que aos 70 anos de idade - à época da entrevista, em 1999 - continuava lúcido e em sua rotina como escritor e tradutor, acreditando e se alimentando da palavra poética, esse olhar está mais próximo do espanto diante do que ele considera belo e restaurador do que para a tensão aparentemente representada na foto.

Outro aspecto interessante e que diz respeito ao escopo de nosso estudo atém-se à quantidade de livros que circundam o escritor-leitor e inundam o seu espaço. Na composição da fotografia, os livros, como pano de fundo, referendam o exercício profissional do escritor e o reconhecimento público no meio acadêmico. Se por um lado, a representação do escritor com uma página de papel e uma caneta na mão confirma seu próprio depoimento a Chiodetto: “Comprei uma máquina elétrica, mas gosto muito de escrever à mão. Tenho prazer na caligrafia” (CAMPOS, 2008, p. 90); por outro, pode significar a estreita relação entre leitura e escrita. Por trás de cada escritor habita um leitor, poderia ter sido essa a intenção de Chiodetto? Historicamente essa tem sido a representação simbólica do livro, como *status* do saber e do conhecimento. São muitos os depoimentos dos escritores sobre essa relação inseparável entre ler e escrever, a exemplo de Ferreira Gullar, Patrícia Melo, Augusto de Campos, Campos de Carvalho, Manoel de Barros, Marlene Felinto, Carlos Sussekind, Modesto Carone, Cristovão Tezza, Autran Dourado, Carlos Heitor Cony, Ana Miranda. Os livros se sobrepõem a Haroldo de Campos, que fica aparentemente diminuído em relação ao espaço que a eles é dedicado, mas seu olhar arguto e o seu depoimento podem nos levar a uma outra leitura: por trás desses livros está o leitor voraz, contumaz e sensível e o escritor no centro de seu universo de trabalho, com as ferramentas de sua profissão.

“O lugar do escritor” é antes de tudo, com seu belo e singular repertório de imagens e narrativas, um documento para a história da literatura brasileira e um monumento à memória de homens e mulheres que produziram – Campos de Carvalho, Jorge Amado, Jose J. Veiga, José Paulo

Paes, Haroldo de Campos já falecidos – e produzem uma comunicação inesgotável para aqueles que ainda se abismam e se fascinam com a força que a literatura ainda exerce sobre a humanidade. Esse livro apresenta retalhos da história desses escritores brasileiros a partir dos quais cada espectador reinventa uma outra história, hipnotizado pela força da ficção e pela certeza de que “os escritores, esses mentirosos” só existem no diálogo com o leitor, igualmente “mentiroso”, que lhe dá um crédito e lhe confere um lugar nos desvãos de sua memória e de seu imaginário, materializados nas imagens fotográficas e nos fragmentos biográficos dos escritores.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino. *Coleção Pesquisa (auto)biográfica: temas transversais*. Porto Alegre: EdUPUCRS; Salvador: EDUNEB; Natal: EDUFRN, 2012.
- ALVES, Nilda. Lembranças em imagens. In.: PASSEGGI, Maria da *Conceição e BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. Narrativas de formação e saberes biográficos*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008, p. 175-195.
- BUCCI, Eugênio. Meu pai, meus irmãos e o tempo. In: MAMMI, Lorenzo; SCHWARZ, Lilia (Org.). *8 X Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 69-88.
- CHIODETTO, Eder. *O lugar do escritor*. São Paulo: Cosac & Naif, 2002.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Fotobiografia e formação de si. In.: SOUZA, Elizeu Clementino e ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EdUPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006, p. 105-117.
- I CIPA - Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) biográfica. *A Aventura (auto)biográfica: teoria e empiria. Anais. Resumos e Textos*. Porto Alegre: PUCRS 2004.
- II CIPA - Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) biográfica. *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. Anais. Programação e Resumos*. Salvador: EDUNEB, 2006.
- III CIPA - Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) biográfica. *(Auto)biografia: formação, territórios e saberes. Anais. Programação e Resumos*. Natal: UFRN, 2008.
- IV CIPA - Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) biográfica. *Artes de viver, conhecer e formar. Anais. Programação e Resumos*. São Paulo: USP, 2010.
- V CIPA - Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) biográfica. *Pesquisa (auto)biográfica: lugares, trajetos e desafios. Anais. Programação e Resumos*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2012.
- VI CIPA - V CIPA - Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) biográfica. *Entre o público e o privado: modos de viver, narrar e guardar. Anais. Programação e Resumos*. Rio de Janeiro: BIOgraph, 2014.
- KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 3ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- Mignot, Ana Chrystina e SOUZA, Elizeu Clementino. *Coleção Modos de Viver, narrar e guardar*. Curitiba, CRV, 2014.
- PAMUCK, Orhan. *A mala de meu pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino e DELORY-MOMBERGER, Christine. *Coleção Pesquisa (Auto)biográfica & Educação*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- VICENTINI, Paula Perin. *Coleção Artes de viver, conhecer e formar*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

RESUMO

O texto analisa imagens e excertos biográficos, ao tomar como *corpus* o livro *O lugar do Escritor*, de Eder Chiodetto. Intenta-se tematizar sobre a construção das identidades dos escritores abordados, a partir de situações representativas de seus percursos criativos, figurados em expressões, gestos e cenários, fixados em imagens fotográficas que serão nosso guia de análise. Busca-se os sentidos sugeridos nas fotos, na perspectiva de refletir em que medida elas nos servem como meio simbólico de compreensão da vida criativa dos escritores a serem examinados. A imagem congelada nas fotos pode ser lida como documento de trajetórias de vidas, complementares aos demais dados biográficos que compõem o perfil de cada escritor. Essas fotos impregnadas de índices de vida permitem uma possível leitura que renova nossos olhares sobre o ato de criação artística.

Palavras-Chave: Imagens. Narrativas biográficas. Lugar do escritor. Escrita

THE WRITER'S PLACE: DIALOGUES ON IMAGES, (AUTO) BIOGRAPHIES AND WRITING

ABSTRACT

The text analyzes images and biographical excerpts by taking as *corpus* the book *The Writer's Place*, by Eder Chiodetto. It tries to thematize on the construction of the identities of the approached writers, based on representative situations of their creative paths, figured in expressions, gestures and scenarios, set in photographic images that will be our analysis guide. It searches the meaning suggested in the pictures, with a perspective to reflect the extension to which they serve us as symbolic means of understanding the creative life of the writers to be examined. The frozen image captured in photographs can be read as a document of life trajectories, complementary to other biographical data that make up the profile of each writer. These pictures impregnated with life index allow a possible reading with renewed glances on the artistic creation act.

Keywords: Images. Biographical narratives. Write's place. Writing.

Submetido em: julho de 2015
Aprovado em: setembro de 2015